

EMMA COOPER

*O som do nosso coração*

*Tradução de*  
Raquel Zampil

1ª edição



EDITORA RECORD  
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2020

Publicado originalmente em 2018 por Headline Review, um selo da HEADLINE PUBLISHING GROUP.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais da autora foram assegurados.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela

EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000, que se reserva a propriedade literária desta tradução.

---

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-11981-0

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se no site [www.record.com.br](http://www.record.com.br) e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

[sac@record.com.br](mailto:sac@record.com.br)



*Por nós*

# Sumário

1 | Melody

2 | Rose

3 | Melody

4 | Flynn

5 | Melody

6 | Melody

7 | Rose

8 | Melody

9 | Melody

10 | Melody

11 | Rose

12 | Melody

13 | Melody

14 | Flynn

15 | Melody

16 | Tom

17 | Melody

18 | Tom

19 | Melody

20 | Rose

21 | Melody

22 | Tom

23 | Flynn

24 | Tom

25 | Melody

26 | Flynn

27 | Melody

28 | Melody

29 | Flynn

30 | Rose

31 | Tom

32 | Melody

33 | Melody

34 | Tom

35 | Flynn

36 | Rose

37 | Melody

38 | Flynn

39 | Melody

Epílogo

Agradecimentos

## Melody

Nossa vida — não importa o que aconteça entre o início e o fim — começa e termina com uma batida do coração: nosso próprio ritmo, nossa própria música. Uma música pode subir e descer como o ar em nossos pulmões; pode começar com uma única e solitária nota e então se expandir a cada verso: uma família de sons. Para mim, porém, uma música tem um significado mais profundo.

— Deu 87,66 — anuncia a caixa do supermercado, me enchendo de pavor.

Sei que, do seu ponto de vista, isso não parece nada assim tão terrível. Uma quantia respeitável para a compra semanal de uma família de três pessoas. Afinal, a caixa com uma aparência masculina não está insinuando que estou na minha última semana de vida ou que minha saia está presa na calcinha. O problema, na verdade, se encontra no meu saldo bancário; sei que hoje, dia 21 de fevereiro, meu saldo bancário oscila em uma corda bamba de oitenta libras.

Ouçó os primeiros acordes de “Can’t Buy Me Love”, dos Beatles. Isso pode até não parecer nada de mais para você.

Supermercados no mundo todo colocam músicas de fundo; os ritmos alegres guiam os passos do consumidor de olhos vazios. Mas esse é o motivo pelo qual as poucas palavras da caixa me encham de medo: eu tento explicar a difícil situação de minha conta bancária.

— Como? — me pergunta a caixa de rosto enebado, ligeiramente alarmada, como era de se esperar. Veja bem, o problema é que não estou explicando minha situação com ombros caídos e uma expressão de “a vida às vezes te coloca para baixo”.

Não. Não estou simplesmente ouvindo o clássico dos Beatles: eu comecei a cantar a música — teatralmente. Talvez você esteja se perguntando por que estou cantando Beatles — com entusiasmo — para uma caixa de supermercado? Bem, a resposta é: eu não sei. De fato, já consultei diversos médicos nos últimos dois anos e nenhum deles conseguiu descobrir. Nenhum dos clínicos, especialistas ou psiquiatras (que, aliás, foram muitos).

Vou te contar o que de fato eu sei.

Era uma manhã gelada e tempestuosa de janeiro — até aí, nada digno de nota. Não havia nada especial no fato de que era o dia da coleta do lixo, ou de eu estar na rua de galochas, o roupão rosa-pastel amarrado ao redor da minha pancinha cheia de comidas de Natal, tentando arrastar a lixeira de rodinhas pelo caminho da garagem. Digo que não havia nada de especial nisso porque minha vida, mesmo naquela época, já era desorganizada. Caótica. Negligente. Se eu fosse a pessoa controlada e organizada que tenho a intenção de ser a cada Ano-Novo, então



minha lixeira já estaria do lado de fora de casa: um bravo soldado enfrentando as intempéries, esperando seu estripamento com firme altivez. Se eu fosse essa pessoa, não teria ficado sem o produto para derreter neve no dia anterior e não teria usado água quente para descongelar o vidro do carro. Não haveria uma fina camada de gelo junto ao meio-fio. Eu não teria escorregado e batido a cabeça ao me estatelar no chão. Não teria havido um grito estridente da minha filha de 11 anos quando me encontrou sangrando e inconsciente, vinte minutos depois. Aflito e desajeitado, meu filho não teria entrado em pânico ao tentar encontrar meu pulso fraco, usando apenas seus conhecimentos de escoteiro, e — naturalmente — eu não estaria caída no chão, com minha própria urina congelando nas minhas pernas enquanto meus filhos esperavam uma eternidade pela chegada da ambulância: lágrimas, medo e o excesso de responsabilidade sacudindo seus corpos desajeitados e em crescimento, enquanto debatiam, ansiosos, quantas compressões torácicas deveriam aplicar em mim.

Agora, aqui no supermercado, eu me superei de verdade, ao explicar para a caixa sobre todas as coisas que não posso comprar: minha voz provoca uma onda de desconforto pelo estabelecimento. Fico vendo — como fiz tantas vezes antes — as expressões, primeiro de choque, em seguida de mal-estar e, finalmente, divertimento, passando pelo rosto cheio de desdém das pessoas. Vamos lá, seja sincero: como você reagiria? Desviaria o olhar? Apontaria e zombaria? Imagine-se aqui, agora, parado na fila atrás de mim. Em uma quinta-feira qualquer, no horário de almoço, uma morena baixinha, de uns

30 e poucos anos, está cantando “Can’t Buy Me Love” a plenos pulmões, no caixa do mercado. Além do fato de ela não ser uma cantora incrível — embora afinada, ainda bem —, olhe só para as expressões faciais e os gestos das mãos! Vai lá, diz a verdade, você ia ficar boquiaberto, não ia? Eu ficaria! Olhe só para mim! Como é possível alguém arregalar tanto os olhos a ponto de parecer que eles vão pular do globo ocular e aterrissar, em toda a sua glória esférica, nos ladrilhos sujos? Ah, aqui vou eu, reforçando repetidas vezes que não me preocupo com coisas materiais porque isso não pode mesmo conquistar afeto; você percebeu como minha bunda está balançando como um pêndulo? E olha só o meu dedo indicador, sacudindo na frente do rosto gorducho da caixa! Você notou o quanto ela ficou vermelha? Veja como ela se remexe no banco, pressionando freneticamente o botão para chamar alguém, qualquer um, que leve essa mulher maluca embora. Era de se esperar que, com um bigode desses, ela teria um pouco mais de compaixão pelo incomum. Ou ela nunca ouviu falar em depilação? Ah, meu Deus, será que estou prestes a girar? Sim, aqui vou eu, as mãos estendidas como um guarda de trânsito demente enquanto dou uma volta completa, e será que acabei de...? Sim. Acabei de dar um soquinho no ar. Você viu? Eu, de fato, dei um soquinho no ar enquanto cantava a nota final.

Silêncio. Nem um pio de uma criança birrenta. Nem mesmo o bipe de uma máquina. Tudo que consigo ouvir é o que resta da minha autoestima se espatifando em caquinhos.

Um segundo, dois segundos, três segundos. E lá vamos nós. Três segundos é todo o tempo que os britânicos precisam para

fechar os olhos, os ouvidos e a boca para algo. Mas eu sei que as pessoas estão escondendo risadinhas por trás das mãos, enviando mensagens para os amigos, subindo vídeos meus para o YouTube (sim, isso já aconteceu — dezenove vezes, da última vez que meus filhos tecnologicamente talentosos verificaram), guardando a história para contar aos amigos amanhã à noite enquanto tomam umas.

Ofegante, remexo na bolsa e, com a mão trêmula — sem dúvida um efeito colateral de tanto sacudir o dedo —, tento pegar meu cartão de débito.

— Desculpa — murmuro —, mas posso tirar a carne? Eu, hã, eu — inspiro — acho que o cartão não vai... — Fique. Calma.

Por razões que os talentosos médicos deste país não conseguem explicar, meu “problema” parece ser desencadeado pelo estresse. Ou seja, eu não sou um ato de música e dança o tempo todo. Quando os sintomas começaram a se apresentar — primeiro na forma de “I Will Survive”, da Gloria Gaynor, rapidamente seguida por um número final de “Crazy”, da Patsy Cline —, eu não dançava, de jeito nenhum. Só cantava. Minha voz, uma fera aprisionada, arranhando e se contorcendo para fora de mim: desesperada para ser ouvida; desesperada para escapar; desesperada para destruir. A dança é algo bem recente. O Dr. Ashley sugeriu que essa pode ser uma forma de o meu subconsciente controlar as situações que estão fora do meu controle, ao transformar minha explosão em um “ato mais aceitável”. Exatamente como rebolar ao som de “Boom! Shake the Room” em pleno vestiário do clube pode consistir em um

ato mais aceitável, eu não sei. Na maior parte do tempo, sou perfeitamente normal.

Tento dirigir a — olho seu crachá — “Sue” um sorriso tranquilizador.

Desconfortável, ela assente lentamente, tirando a carne da sacola, mantendo o contato visual, como se eu tivesse acabado de sacar uma arma, em vez de prestar uma homenagem sincera a John e Paul. Fique calma. Respire. Ela parece um garoto e seu nome é Sue... Ah, droga. Não pense em Johnny Cash, mantenha a calma. Vou ficar bem desde que nada mais aconteça. Respire. Não pense nisso. Enquanto entrego a ela meu cartão de débito, posso ouvir as perguntas no ar e os comentários abafados de “pirada” com um “maluca” de acompanhamento. Posso senti-la latente em mim: a compulsão — o alívio que meu corpo avariado está desesperado em ter. Não pense nisso, não pense nisso. Fecho os olhos brevemente e me concentro no som da minha respiração. Ficarei bem desde que eu não pense naquela música, mas está tudo bem. Estou me acalmando, viu? Se continuar pensando em outra coisa, logo estarei longe daqui, em casa. Minha aflição não será nada mais que uma história para os outros devorarem.

— É sério? — Ela dirige um sorrisinho aos outros clientes.  
— Melody? Seu nome é Melody?

— Aham.

Eu sei; a ironia não me passou despercebida. Dos psiquiatras que consultei, vários sugeriram que esse pode ser um elo genuíno entre meu subconsciente e meu “problema”. Outro sorrisinho superior de “estamos todos juntos nisto” quase me

manda para um território perigoso, mas continuo focada na respiração. Continue pensando no que vou tomar no chá e “Sue” logo não será nada mais que uma lembrança distante. Sue. Sue. Sue.

— Vai pagar em *cash*?

Ai, bosta.

— Mãe?!

Tiro a cabeça do vapor e espio pela cortina do boxe, os cabelos ainda com espuma e cheirando a maçã.

— Estou no banho! — grito, enquanto o barulho dos passos de Rose, minha filha, subindo correndo a escada penetra meu pomar de vapor.

A porta se abre.

— Por que você está tomando banho? São três e meia da tarde.

— Cuspida — replico, me permitindo um último jato de água quente.

— Ah. No ônibus?

— Supermercado.

— Ai. Serviço completo ou só uma frase?

Fecho os registros e estendo a mão para pegar a toalha. Rose me entrega uma roxa, à qual um banho também faria bem. Ainda assim, me enrolo nela e ponho os pés no piso cinza imitando ardósia.

— Duas.

Olho para ela envergonhada, minha linda ruivinha.

— Duas frases? Não foi tão ruim assim.

— Músicas.

Ela se encolhe visivelmente.

— Tinha algum conhecido lá?

Pego uma toalha menor e esfrego meus cabelos curtos com ela.

— Acho que não.

— Então por que cuspiram?

— “A Boy Named Sue.”

— Não conheço essa.

— É sobre um garoto que recebe do pai o nome Sue para fazer com que ele seja durão, o que não teria problema se a caixa não se chamasse Sue e não tivesse uma clara aversão a depilar o buço.

— Entendo. Estilo?

— Country.

— Ah, caramba. Passos de dança?

Paro de enxugar o cabelo por um momento. Fios curtos se projetam em ângulos opostos. Mordo o lábio inferior enquanto relembro tudo, consternada. Rose me olha sem expressão, lentamente processando seu vago conhecimento de música country.

— Ah, não. Não acredito! Mãe! Você fez a dança country?

— Eu nem sabia que conseguia fazer. — Jogo a toalha no chão. — É impressionante, de verdade. — Pego a escova de cabelos e me penteio. — Comecei todos aqueles passos que eu costumava fazer com uns 10 anos. Eu tinha esquecido o quanto é divertido fingir que laço alguma coisa. Na verdade, procurei

no Google, e parece que eu fiz todos os passinhos da coreografia.

— Caraca.

— Não fale palavrão.

— “Caraca” não é palavrão. “Caralho” é que é.

— Verdade.

A porta do primeiro andar bate e o som de heavy metal através dos fones de ouvido anuncia a chegada do meu filho, Flynn. Outra porta bate, e ele desaparece em seu quarto. Olho para Rose, em expectativa.

— Como ele está? Você o viu na escola hoje? — Ela encontra algo que parece iogurte seco em um dos azulejos brancos e volta toda a sua atenção para a substância. — Rose?

— Acho que você precisa comprar um pouco mais de antisséptico — é a resposta dela.

Ótimo. Ele andou brigando de novo.

É agora que digo a vocês que não sou uma mãe ruim. Sem dúvida, alguns de vocês têm filhos muitíssimo bem-comportados que nem sonhariam em dizer “caralho” ou se meter em uma briga. Àqueles que podem, com toda a franqueza, dizer que os filhos aprenderam a respeitar tanto vocês como as outras pessoas e sabem claramente os limites do que é certo e errado — a obrigação do cantinho do pensamento a partir dos 2 anos; os quadros de recompensa que elogiam o bom comportamento e os domingos passados jogando Monopoly e assistindo a filmes da Disney —, permitam-me, por favor, apresentar minha defesa. Meus filhos já sentiram emoções que a maior parte de vocês só vivencia em idades mais avançadas; emoções que alguns de

vocês podem nunca vir a sentir. Vamos começar com o terror. Puro e absoluto terror.

Quando Rose tinha 2 anos, e Flynn, 5, Dev — meu marido — os levou para passar o dia no zoológico de Chester. Eu fiquei em casa; nossa máquina de lavar roupas havia quebrado e eu estava esperando o técnico vir consertá-la. No caminho de casa, eles pararam para Dev comprar um analgésico — ele havia tomado algumas cervejas na noite anterior enquanto assistia ao jogo de rúgbi — e refrigerante com batata chips para Flynn. Dev pedira um gole para ajudar a engolir os comprimidos, pôs algumas músicas infantis para distrair Rose, e então partiram, a caminho de casa, na intenção de chegar a tempo de colocar Rose para dormir na hora de sempre, às sete. Mas eles não chegaram em casa a tempo da hora de Rose dormir porque, às sete, Flynn estava sendo levado de helicóptero com graves ferimentos no rosto e na cabeça. Dev ficou observando — segurando no colo uma Rose confusa, cansada e perturbada —, enquanto a maca era levada para dentro da escuridão de março. Rose não sofreu nada, pois estava bem protegida pelo cinto do carro, e Dev teve apenas um pequeno corte acima do olho direito, causado por um pedaço do para-brisa estilhaçado. Flynn, no entanto... Flynn não havia recolocado o cinto depois de passar a Coca para Dev. E, quando Dev desviou o olhar por um segundo para repetir “Brilha Brilha Estrelinha”, não percebeu a curva acentuada à direita, em frente ao carvalho. Ele não sabia que Flynn estava sendo lançado para a frente a mais de cinquenta quilômetros por hora nem que, pelo resto da vida, seu



filho ficaria cego de um olho e teria uma cicatriz cruzando um lado do rosto que ele estaria sempre tentando esconder.

E o que dizer de devastação? Quantos de vocês podem dizer, com toda a honestidade, que já se sentiram verdadeiramente devastados? Imagine como seria se seu pai desaparecesse. Assim, sem deixar nenhum vestígio.

O ano do acidente foi o mais sombrio de nossa vida. Dev tinha pesadelos constantemente e discutíamos por qualquer coisa. O custo das idas ao hospital, das tarifas do estacionamento do hospital, as birras típicas das crianças de 2 anos. Qualquer coisa era motivo para brigarmos. Mas havia também momentos de extrema angústia em que nosso desespero se transformava em um amor tão poderoso que nos dominava completamente: ficávamos agarrados a noite toda, sussurrando um para o outro palavras de adoração, como se pudéssemos nos consertar com amor. E então, um dia, ele não estava mais lá. Puf! Sumiu. Como Keyser Söze.

Além disso, tem também o sentimento de vergonha. Imagine ver sua mãe em uma reunião de pais irromper em uma interpretação de “Baby Got Back”. Eu fiz isso. “Contei” à rechonchuda professora de matemática de Rose, sem meios-termos, que eu gostava de bumbum grande e não podia mentir em relação a isso. Como eu disse. Vergonha.

Hesitante, bato na porta de Flynn.

— Posso entrar?

— Não se você for me dar um esporro.

— Não fale esporro — retruco enquanto abro a porta.



— Mas dessa vez é diferente.

Como eu posso dizer a eles? Como posso dizer que Dev está morto? Quando sou a única pessoa que sabe disso?

## Rose

*21 de fevereiro*

Resolvi escrever um diário. Tudo bem em começar no meio do mês? Acho que sim. De qualquer forma, eu sou a única que vai ler. Minha “terapeuta” sugeriu que isso poderia me ajudar a organizar os pensamentos, então aqui vai. Não entendo por que mamãe não está mais animada. Sei que já pensei que tínhamos encontrado papai antes, mas dessa vez é diferente.

Embora Megan compreenda que quero encontrar meu pai (quero dizer, ela deveria, pois sou sua melhor amiga desde que tínhamos 3 anos), sei que acha que sou esquisita, e consigo entender suas razões. Enquanto a maior parte da turma fica no Instagram na hora do intervalo, eu fico no [www.mymissingfamily.co.uk](http://www.mymissingfamily.co.uk), então eu entendo. De verdade. Ouvi Becca Grimstone dizer a Ben Stone (que sempre tira meleca e come quando acha que ninguém está olhando — eca!) que eu era uma ruiva maluca, obcecada por pessoas mortas. Piranha ridícula. Mamãe diz que as pessoas que falam coisas horríveis no fundo só estão com inveja da gente. É, sei. Tenho

certeza de que a Becca, que já tem seios grandes, traços perfeitos e está entre os melhores da turma, sente mesmo inveja de mim. Eu sou ruiva, muito mais inteligente do que todo mundo da sala, e não estou sendo convencida, só estou apontando os fatos... Minha professora de matemática chegou a chorar na última reunião de pais quando disse que achava que estava me “decepcionando” ao não me dar tarefas ainda mais desafiadoras — o governo é culpado de muitas coisas. A Sra. Turner está por um fio, na minha opinião, e sou EU que vou para a terapia?! Mamãe foi solidária com ela e com sua “carga de trabalho”; com isso quero dizer que ela cantou “Nine to Five”, de Dolly sei lá o quê. Graças a Deus nossa reunião foi numa sala separada depois do incidente de “Baby Got Back”, portanto só a professora viu. O que eu ia dizendo? Ah, sim, também sou a irmã do — segundo o próprio — garoto mais antissocial da escola. ALÉM DISSO, Becca sabe que papai nos deixou e que minha mãe... bem, não faz sentido falarmos disso, não é?

As noites estão ficando piores. Como podemos dizer a ela que a razão de parecermos tão cansados não é porque ficamos acordados madrugada adentro mexendo em nossos tablets, mas porque temos que ouvir toda noite uma trilha sonora de seus sonhos? Ontem, por exemplo. Ela começou baixinho com “Shake It Off”. Taylor Swift não é uma das minhas favoritas, especialmente à uma e meia da manhã. Às vezes são só trechos de músicas, que mudam com a mesma rapidez de seus sonhos. Sabemos quando ela está tendo um pesadelo porque “Wake Me Up Before You Go-Go” começa. Mas o pior é quando ela repete. Como ontem à noite. Entre duas e cinco tivemos

“Don’t Stop Believin’”. Três vezes eu e meu irmão nos cruzamos no patamar da escada. Cabelos desgrenhados e resmungos de irritação se tornaram uma coisa comum enquanto tentamos sutilmente perturbá-la o suficiente para fazê-la se calar. Se tivermos um teste no dia seguinte ou algo assim, nos revezamos dormindo no andar de baixo. Isso meio que funciona, mesmo que a gente tenha que colocar o alarme para tocar às seis e meia, para acordar antes da mamãe.

No dia em que a cantoria noturna começou, Flynn disse à mamãe que estava cansado demais para ir à escola porque a interpretação dela de “Sweet Dreams (Are Made of This)” durara horas. Mamãe ficou tão chateada que passou a manhã inteira chorando e ficou tão irritada consigo mesma que começou um *mash-up* do Eminem. O que não foi nada bom. É pior quando ela não conhece as músicas muito bem porque inventa as letras e, como não é a maior fã do Eminem, nesse dia, as letras estavam tão misturadas que parecia uma mãe gângster de meia-idade com síndrome de Tourette. Então, é isso. A gente não conta mais para ela.

Seja como for, voltemos ao papai. Pode parecer estranho que eu seja tão obcecada em encontrá-lo quando não consigo nem me lembrar dele, mas é como se lembrasse. Como se o conhecesse, quero dizer. Mamãe fala sobre ele o tempo todo e também tem os vídeos caseiros que vi, tipo, umas cem vezes. Mamãe está bem diferente neles, as unhas sempre pintadas de vermelho-escuro e o cabelo todo esvoaçante (era comprido de verdade naquela época, chegava quase à bunda) e bonita. Ela ainda é bonita, eu acho, mesmo com o cabelo curto, mais

comprido na frente. Ela não é como a mãe de Megan, com aquele bronzeado artificial, vestida da cabeça aos pés com roupas e sapatos de marca. Mamãe é simples e bonita ao mesmo tempo. A maquiagem que ela usa é legal, e seus olhos têm essa estranha cor entre verde e cinza e são bem separados, um pouco como um ET, mas bonitos mesmo assim. Papai também é bonito, acho. Ele tinha aquele queixo com covinha. Mamãe disse que ela costumava se referir a ele como queixo de bumbum. Os cabelos dele eram cacheados, na altura dos ombros, castanho-avermelhados (é o que mamãe sempre coloca nos formulários de pessoas desaparecidas). O cabelo é uma das coisas sobre as quais mamãe estava sempre falando nos formulários de pessoas desaparecidas que ela guarda. Sério, ela tem um daqueles arquivos antigos na garagem com todos os formulários, relatórios e tudo mais. É um negócio muito louco. Ele era alto, tipo mais de 1,80 metro, e bem magro.

Eles se amavam. Mamãe e papai. Dá para ver nos vídeos. Ele está sempre fazendo ela rir, e eles estão SEMPRE se tocando. Não de um jeito bizarro, só, você sabe, mão no joelho ou carinho no braço. Desse jeito. E eles dançavam muito. A vovó diz que, quando ele desapareceu, mamãe passou meses e meses procurando por ele sem parar.

Ela visitou todas as agências de pessoas desaparecidas que pôde e até contratou um detetive particular. Vovó disse que a polícia ficou meio de saco cheio dela no fim porque ela ligava pelo menos duas vezes por dia para ver se tinha surgido alguma novidade. Simplesmente se recusava a parar de procurar. Eu me lembro, quando tinha 6 anos, de passar o que pareciam dias

presa na cadeirinha do carro enquanto percorríamos as ruas de Londres observando os sem-teto. Até que tudo parou. Era como se ela tivesse desistido. É por isso que eu não entendo por que ela não está animada desta vez. Mamãe conta que ele tinha uma tatuagem de três andorinhas no ombro esquerdo, representando nós três... e esse cara — o do [www.mymissingfamily.co.uk](http://www.mymissingfamily.co.uk) tem essa tatuagem.

De qualquer forma, já chega por hoje. Ainda quero dar uma olhada nos sapatos para a escola no site da Shoehome. Mamãe tem que me levar para comprar sapatos (ai), e eu quero entrar e sair antes que ela se estresse e cante “The Hills Are Alive”, como da última vez.



## Melody

— Sapato brogue? Ele não está um pouco... você sabe, fora de moda? — Internamente, me encolho diante da expressão irritada no rosto da minha filha. Está claro que falhei de alguma forma... outra vez.

Você se lembra daquele instante prodigioso quando a mais inócua das coisas — uma linhazinha cor-de-rosa — sorri para você? Aquela linhazinha cor-de-rosa, trazendo uma notícia que se infiltra em sua consciência: um quebra-cabeça do seu passado, presente e futuro, um universo de correntes elétricas fundindo seus pensamentos com suas emoções, enquanto uma imagem dessa minúscula entidade engole você por inteiro. Sua mente se torna uma colagem de minúsculos dedinhos, pezinhos, cabelinhos, pequenas preocupações que crescem em simples sincronia à medida que você — e seu mundo — se expande e você se pergunta: sou forte o bastante para conter esse amor infinito e intenso? Acaricio essa lembrança fugazmente enquanto a linhazinha cor-de-rosa puxa o cabelo para trás, o prende com um nó e suspira.

— Podemos só comprar esse e ir embora? Ele é o único de que gostei na loja inteira — anuncia ela, enquanto me abaixo para pegar um par de sapatos pretos de verniz que é parecido com o antigo, que agora está pequeno no pé dela.

Quando me levanto, a vejo correndo os olhos pela loja, avaliando o ambiente em busca de ameaças — não a ameaça de um perigo desconhecido ou batedores de carteira: não, minha Rosa Vermelha está procurando ameaças que possam atrapalhar suas chances de escapar sem ser reconhecida. Eu sou a ameaça, sempre invadindo seu lindo anonimato.

Lentamente, o botão latejante começa a se desenroscar, projetando-se da semente. Pulsando em meu estômago, começa a se estirar nos raios de minha ansiedade enquanto eu me dou conta da razão de Rose ter selecionado tão rápido o sapato que ela quer: ela já o havia escolhido. Antes. No momento que começo a ouvir a introdução de um órgão de igreja trepidar dentro de mim, me dou conta de que é tarde demais. Olho para Rose em pânico e vejo a cor sumir de seu rosto. Ela sabe que está vindo.

— Ah, não, mãe, agora não.

Observo, impotente, minha vibrante Rosa Vermelha empalidecer. Ela olha na direção de um grupo de adolescentes se acotovelando diante da porta da sapataria.

Vai, vai, VAI. Pratico a palavra em minha boca antes que a haste possa cravar seus espinhos em meu subconsciente.

— Vai. — Com alívio, pronuncio a palavra antes de tentar apertar os lábios, inspirando pelo nariz e tentando expirar pela boca, os lábios franzidos em posição de assovio, enquanto tento

me acalmar. Mas não adianta. Já posso ouvir os últimos acordes da introdução.

Rose solta o cabelo e tenta cobrir o rosto com ele enquanto pega a mochila jeans e a pendura no ombro.

*“And did those feeet... in ancient time,  
Walk upon England’s moun-tains green...”*

[E aqueles péééés... em tempos passados,  
Andaram pelo verde das mon-tanhas da Inglaterra...]

Minha voz se solta do meu corpo e sinto o sabor do doce alívio que isso traz, junto com o horror e a vergonha no rosto da minha filha, enquanto ela olha por cima do ombro para mim, com uma mistura de decepção, pena e a mais absoluta vergonha. Quanto a mim, paro com as costas empertigadas, a mão ainda segurando o sapato preto escolar — que agora uso como a batuta de um maestro —, sacudindo-o e agitando-o de um lado para o outro, à la Harry Potter. Começo a desenhar um oito suavemente no ar com a mão livre, o polegar e o indicador unidos enquanto inicio a apresentação — e só posso supor que é isso que meu subconsciente pense que seja — da seção de cordas.

*“And was the ho...ly Lamb of God  
On England’s pleasant pastures seen?”*

[E foi o sagra...do Cordeiro de Deus  
Visto nos aprazíveis pastos da Inglaterra?]

Meu lábio inferior começa a tremer enquanto registro a agonia em cada passo que Rose dá em direção à porta: em direção a seus colegas.

*“And did the Count-en-ance Divine,  
Shine forth up-on our clouded hills?”*

[E o Sem-blan-te Divino brilhou  
Nas nuvens acima de nossas colinas?]

Um cutucão, um sorrisinho e pescoços esticados nos rodeiam.

*“And was Jerusalem builded here?  
Among those dark Sa-tanic Mills?”*

[E foi Jerusalém construída aqui?  
Entre esses escuros Moinhos Sa-tânicos?]

No momento em que estou trazendo meu arco de ouro incandescente e minhas flechas do desejo, Rose já está quase do lado de fora da loja. Com lágrimas de remorso, continuo apresentando várias partes da orquestra da minha mente com minha batuta de verniz.

*“I will not ceeeease, from mental fight,  
Nor shall my sworrrrrrd sleep in my hand!”*

[Não vou descansaaaar da luta mental,  
Tampouco a espaaaada dormirá em minha mão!]